

A percepção dos jovens sobre desigualdades e justiça social no Brasil

Celi Scalon*

Pedro Paulo de Oliveira**

Resumo

Este artigo reúne a análise das percepções, valores e opiniões a respeito de temas sobre justiça social, igualdade de classes e das possibilidades de ascensão e mobilidade social de jovens, no Rio de Janeiro, pertencentes a grupos sociais que aqui chamamos “classe média” e “classe popular”, obtidas a partir de pesquisa com grupos focais. Além disso, foram abordados, também, assuntos relacionados a temas tais como as políticas de discriminação positiva e o papel do Estado e da sociedade civil no combate às desigualdades. O estudo realizado em 2008 está baseado nas falas transcritas das dinâmicas de grupos focais e não pretende responder questões específicas, mas, sim, oferecer elementos para reflexão sobre percepção de desigualdades e justiça. Em linhas gerais, os jovens atribuem a definição da classe à renda e, principalmente, ao local de moradia, mostrando que a espacialidade é significativa para a atribuição de um lugar social. Os jovens de classe média mostraram-se mais críticos, atribuíram a fatores mais diversos e complexos, tanto as causas e consequências das desigualdades, como a responsabilidade pela superação delas. Os jovens de classe popular mostraram um repertório mais vinculado a prescrições genéricas e apresentaram muita confiança na educação e no esforço pessoal para superação das desigualdades e obter ascensão social, atribuindo sucesso ou fracasso à esfera da conquista individual.

Palavras chave

Juventude. Desigualdades. Classe. Justiça social.

Abstract

This article analyzes the perceptions and opinions about class equality, social justice and chances of social mobility among the youth in Rio de Janeiro, who belonged to groups we are calling “middle class” and “lower class”, obtained by focus groups research. We also discuss their opinions about affirmative action and the role of State and civil society in fighting inequality. The fieldwork was conducted in 2008 and our aim was not answer specific questions, but just to present for reflection and development of the analysis and the debate on perceptions of inequality and justice. Broadly, the youth who belonged to the middle class showed a more critical, complex and diverse repertoire about the causes, consequences, as well as, the responsibility for overcoming the Brazilian inequality. The youth who belonged to the lower class presented a repertoire bounded to some more generic prescriptions and showed a lot of confidence in education and effort as main means of overcoming inequalities

* Professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/Brasil) e pesquisadora visitante na University of California (Los Angeles/Estados Unidos), com apoio da Fundação CAPES. E-mail: celiscalon@gmail.com.

** Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/Brasil). E-mail: ppolivera1933@uol.com.br.

and experiencing upward mobility, and so, attributed success or failure to the individual achievement sphere.

Keywords

Youth. Inequalities. Class. Social justice.

Este artigo reúne a análise das percepções, valores e opiniões a respeito de temas sobre justiça social, igualdade de classes e das possibilidades de ascensão e mobilidade social de jovens, no Rio de Janeiro, pertencentes a grupos sociais que aqui chamamos “classe média” e “classe popular”, obtidas a partir de pesquisa com grupos focais. Além disso, foram abordados, também, assuntos relacionados a temas tais como políticas de discriminação positiva e o papel do Estado e da sociedade civil no combate às desigualdades. O estudo realizado em 2008 baseia-se nas falas transcritas das dinâmicas de grupos focais e não pretende responder questões específicas, mas sim oferecer elementos para reflexão e desenvolvimento argumentativo futuro no debate sobre percepção de desigualdades e justiça social.

A pesquisa qualitativa teve como base a realização de dinâmicas com seis grupos de jovens divididos em três faixas etárias: 16 a 18 anos, 19 a 21 anos e 22 a 24 anos. Em cada faixa etária, os jovens foram selecionados e agrupados de acordo com o pertencimento às classes mais ou menos favorecidas – aqui nomeadas “classe popular” e “classe média”. Os grupos focais foram realizados em 2008 como parte do projeto do Instituto do Milênio, coordenado por Nelson do Valle Silva. Para o recrutamento dos jovens participantes das dinâmicas, contratamos uma empresa especializada que separou os agentes de acordo com a renda familiar e outros aspectos relevantes para a caracterização socioeconômica dos jovens, segundo a metodologia de recrutamento utilizada nesses casos e adotadas por uma série de empresas e organismos destinados a empreender esse tipo de dinâmica.

Sabemos que o conceito de classe é complexo e de difícil delimitação e não temos a pretensão de fazer uma discussão sobre classes e, tampouco, defender que os dois grupos denominados “classe média” e “classe popular” sejam interpretados dentro do conceito específico de classe social. Portanto, no caso particular desse estudo, o grupo que chamamos de “classe média” são jovens que estudam em instituições de ensino privadas, oriundos de famílias com renda elevada e moradores da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Os jovens pertencentes ao grupo aqui denominado “classe popular” são estudantes de

escolas públicas, oriundos de famílias de baixa renda e moradores da periferia ou dos subúrbios do Rio de Janeiro.

O texto está dividido em partes que tratam das discussões realizadas durante as dinâmicas dos grupos focais. Desse modo, busca-se organizar em temas as questões apresentadas aos agentes, fazendo uma comparação das impressões e das falas dos jovens segundo a classe e a faixa etária em que estão inscritos. Finalmente um conjunto bastante circunscrito de impressões está registrado na última parte a título de sugestões para reflexão e desenvolvimento argumentativo futuro.

O que é classe social?

A primeira parte das discussões realizadas versou sobre a questão das classes sociais e o que determina a inclusão das pessoas em uma ou outra classe. Os jovens de estratos mais baixos, em grande parte, declararam que as classes são definidas pela renda e/ou pelo local de moradia. A caracterização da classe nesses grupos baseia-se em aspectos mais concretos e palpáveis do que aquela efetivada pelos jovens dos segmentos mais favorecidos. Eles tendem a usar uma lógica social, fundamentada em aspectos da materialidade, como apontou Bourdieu em alguns de seus textos (1976; 1979).

Hoje em dia é considerada uma pessoa de classe média, uma pessoa que tem um micro-ondas em casa, um computador, uma geladeira boa, duas três televisões dentro de casa, isso eu acho que qualquer pobre pode ter. Eu trabalhava na zona sul e uma vez uma senhora esteve lá falando que a empregada dela tinha as mesmas coisas que ela tinha dentro da casa dela, duas televisões, uma TV a cabo, micro-ondas, DVD, computador... tinha a mesma coisa que ela tinha dentro de casa, a questão é zona sul, zona norte (classe popular 22-24).

Essa questão de classe já é discriminada há séculos atrás, e conforme o tempo só vai se agravando: o carro que você usa, o supermercado que você faz suas compras, dependendo do supermercado, até o mesmo produto, o preço é diferente, dependendo do bairro, o bairro que você mora diz qual é a sua classe (classe popular 22-24).

Eu entendo que sejam diferentes classes na sociedade. Tipo... Vou dar um exemplo: a localidade onde a pessoa mora. Tem a classe social da zona sul de um jeito e na zona norte de outro, e na baixada fluminense... (classe popular 19-21).

Até determinado salário é classe média baixa, classe média alta e classe média... Nem tanto por onde mora. Eu entendo pela renda da pessoa, da família, em geral (classe popular 19-21).

(...) varia muito e depende sim do lugar onde mora... Porque determinados lugares as pessoas já olham para você... Vê mais a pessoa por onde mora... (classe popular 19-21).

A classe social na maioria das vezes é definida pela renda da pessoa (classe popular 19-21).

Já os jovens de classe média apontaram para estas características, mas deram relevância também ao estilo de vida, ao status, à cultura e ao prestígio ocupacional.

Acho que você acaba tendo vários tipos de classe social. Uma classe social cultural, uma classe social... econômica, então eu acho que eu posso fazer parte da classe social... classe econômica e classe social média, cultural... (classe média 19-21).

Isso até hoje dá pra ver porque a pessoa, por exemplo, olha com mais prestígio para um professor do que, por exemplo, pra um mecânico, que ganha a mesma coisa. Isso... até coisa bastante enraizada (classe média 19-21).

Acho que os valores que a gente dá a determinadas profissões também, a gente já olha com um certo preconceito (classe média 19-21).

Eu acho que mais assim pelo profissional que a pessoa é, que exerce (classe média 22-24).

Os hábitos das pessoas, o meio que ela vive... (classe média 22-24).

Eu acho que classe social não está ligada só a dinheiro. Como o nome diz, está ligada a sociedade que você vive, a religião, se você pratica algum tipo de esporte, a sociedade daquele esporte que você pratica ou então uma faculdade, no caso dele (indicando outro membro integrante da dinâmica), de Educação Física, mas depende do meio das pessoas que você convive, não só dinheiro (classe média 16-18).

Isso, estilo de vida (classe média 16-19).

Características adquiridas e características adscritas: quem manda nesse jogo?

Foi perguntado aos jovens o que eles acreditavam ser mais importante no Brasil para uma melhor ou pior posição social. Educação? Esforço (quem se esforça mais)? Nascer em família rica? Ter conexões e redes para indicação de emprego e outras oportunidades? Sorte? Ser corrupto etc.? Os jovens de classe popular invariavelmente apontam como determinantes da estratificação a educação e o esforço.

O estudo é a base de tudo. Pra gente ter alguma coisa no futuro, está no estudo (classe popular 16-19).

O estudo ajuda bastante, mas o esforço... Você pode fazer mil faculdades, mas não vai ficar lá sentado esperando (classe popular 16-19).

Eu acho que é o estudo, principalmente a força de vontade e se você faz isso tudo, estuda e, por exemplo, uma pessoa escolhe uma coisa pra seguir: “Eu quero ser aquilo”, aí estuda. Não deu certo, desiste e não está nem aí. Eu acho que a pessoa não pode focar só numa coisa. Como ela falou. Não deu tenta outra coisa. Não vai ficar esperando aparecer (classe popular 16-19).

É a força de vontade (classe popular 19-21).

Além disso, a base vem com a educação, com certeza (classe popular 19-21).

Para mim é estudo (classe popular 19-21).

Estudo e força de vontade (classe popular 19-21).

Acho que tem que ter força de vontade mesmo (classe popular 19-21).

Apesar de os jovens de classes privilegiadas também apontarem o esforço e a educação como fatores relevantes, eles enfatizam o papel das características adscritas, como origem e redes sociais, com muito mais frequência do que os jovens de classe popular.

Eu acho que nascer em berço de ouro na família rica e depois o esforço da pessoa. Abre portas, às vezes seu pai já tem um cargo bom, você já começa ali. Ou te indica para algum lugar. Mas sem esforço também fica complicado (classe média 22-24).

Acho que a família... ajuda muito. E o estudo em segundo

lugar. Quem estuda muito, se esforça muito, com certeza consegue chegar aí no topo da pirâmide (classe média 22-24).

Acho que com estudo e esforço consegue, mas quem tem influência consegue mais rápido. Influência, pais ricos, consegue bem mais rápido (classe média 22-24).

Eu acho que a influência, porque a família não deixa de ser o pistolão. Por exemplo, tem um menino na minha faculdade que tá no segundo período e tá estagiando na Petrobras ganhando quase 3 mil por mês. Porque ele conhece o deputado de não sei onde que colocou, que mandou colocar... (classe média 22-24).

Eu conheço algumas pessoas que estudam pra caramba, são muito esforçadas, mas muito esforçadas mesmo, são feras, e que não conseguem sair ali do mundinho (classe média 19-21).

É rede e esforço. Se você não se esforça você não se mantém. Você pode entrar, mas você não vai se manter. São as duas coisas. Relacionamento e esforço (classe média 22-24).

Com relação a essa questão, na coorte mais velha, de 22 a 24 anos, alguns agentes de classe popular demonstraram uma tendência de apontar a origem social e as redes de relações como importantes. A trajetória, a vivência, o desencantamento fazem com que as características adscritas passem a ter relevância na análise desses jovens, ainda que a expressão dessa perspectiva apresente um diferencial em relação às classes mais favorecidas, em termos da ênfase dada a ela.

A pessoa que nasce num berço de ouro já está feita, praticamente, porque na educação pública hoje em dia é uma vergonha, porque ninguém aprende nada, agora estão passando sem ter condições de estar exercendo nada no futuro, eles estão passando automaticamente, eu acho que nascer numa família que já tenha uma condição melhor, que dê uma condição para ela ter um futuro, uma profissão, eu acho que isso é o mais importante (classe popular 22-24).

Bom, na atual situação do Brasil hoje, eu acho que em primeiro lugar é nascer numa família rica, porque para o pobre está difícil, está complicado, está cada dia mais difícil, vou dar um exemplo, faculdade pública, claro que tem pobres que estudam e conseguem chegar lá, mas a grande maioria são filhos de pessoas ricas, que estudaram em colégios particulares, fizeram bons cursinhos pré-vestibular e conseguiram passar, a grande maioria, entendeu (classe popular 22-24).

Igualdade e Justiça: realmente dois lados da mesma moeda?

Confrontados com a pergunta se é justo ou injusto que um “médico ou advogado” ganhe 30 a 40 vezes mais que um “frentista de posto de gasolina ou lixeiro”, os jovens de classe popular tenderam a responder, quase unanimemente, que essa disparidade é justa. Segundo eles, essa discrepância entre salários estaria justificada pela educação e esforço que as ocupações de mais alto status e renda supõem. Por outro lado, entre os jovens da classe média, as posições em relação a essa pergunta são mais divididas, conflitantes e complexas.

Ninguém falou: “Você vai ser médico”, ele estudou pra ser médico, ele teve força de vontade. Ninguém sabe o que ele passou pra ser o que é. O frentista até pode ser um cara que fez faculdade. Mas pra ser frentista ninguém vai te pedir uma advocacia, não vai pedir um curso superior (classe popular 19-21).

Ele também estudou. Dedicou tanto tempo... pra ser juiz. Vai julgar alguém e pra isso tem que saber muito... (classe popular 19-21).

Eu acho justo. Ele estudou, fez curso pra médico (classe popular 19-21).

A pessoa fica horas e horas estudando, não tem mais vida, não sai, não se diverte, não vai a lugar nenhum, só fica ali de cara nos livros, a pessoa está se esforçando para ter um salário bom, o frentista, vai ali encheu, e fica ali parado... (classe popular 22-24).

Justo não é. Justo, tô falando do critério o país devia dar igualdade a todos. Assim, pro frentista poder chegar e poder estudar e ter a mesma instrução que o juiz teve pra chegar aonde ele chegou. É injusta a forma como que eles não podem competir um com o outro. Frentista nunca vai melhorar na vida, a não ser que, pô, não sei, alguma ocasião que ele consiga se tornar juiz... (classe média 19-21).

Pelo dinheiro, a diferença é muito grande. É como se um não ganhasse nada e outro... porra... Do zero ao cem. Eu acho que é justo, um juiz merece esse dinheiro. Frentista não merece, mas... é o que... (classe média 19-21).

Eu concordo plenamente, eu acho que é justo (classe média 19-21).

Justo. Quanto mais você estuda, mais você ganha. Já que às vezes isso não acontece (classe média 22-24).

Se os altos salários se devem a outros fatores que não correspondem à educação e ao esforço, a disparidade é percebida como injusta. É o caso dos jogadores de futebol ou do presidente Lula, citados no grupo de classe popular de 16 a 18 anos.

O Ronaldinho Gaúcho, por exemplo...
Ou o Maradona que não teve estudo também...

O cara joga futebol ali e ganha 200 mil por mês. Um policial que arrisca a vida aí contra bandido, a ponto de morrer ganha 900 por mês.

Porque, na verdade, o Lula não teve muito estudo (...) E ganha pra caramba... E aí? Só vai assinar papel. Pra assinar papel eu também vou...

Foi possível perceber a ênfase dada à educação como principal determinante da estratificação, tal como observado no survey sobre desigualdades realizado em 2000 (SCALON, 2003). Nesse ponto, é importante ressaltar que a literatura sobre percepção de desigualdades indica o fato de que, quando dada população vive a crença de que os esforços e recursos individuais são o principal fator para a obtenção de riquezas e o sucesso social, tende-se a encontrar aí também uma maior disposição para a aceitação das assimetrias sociais (HIRSCHMAN, 1973). Nesse sentido, altos salários são justificáveis quando vinculados ao mérito individual – como esforço, qualificações, inteligência, educação – e, portanto, a desigualdade de renda é moral ou eticamente legitimada. Caso os fatores que determinam as chances econômicas estejam associados a características além do controle dos indivíduos, será menos provável a aceitação das desigualdades (CORNEO & GRÜNER, 2000; SUHRCKE, 2002). A hipótese central postulada afirma que os determinantes das diferenças na obtenção de posições sociais e riqueza são reconhecidos como justos quando há maior tolerância com os níveis de desigualdade de renda (SCALON, 2003).

A análise dos dados quantitativos apontou para o fato de que no Brasil a população adere mais à ideia de que as pessoas são recompensadas por sua inteligência e qualificações, quando se comparam os dados para a mesma questão em outros países¹. Considerando a adesão a um item incluído em outra questão daquele survey, concluiu-se que no Brasil e em Portugal dá-se maior importância

¹ Os outros países-alvo da mesma pesquisa foram o Chile, a Rússia, a Suécia, Portugal, a Espanha e os Estados Unidos.

às credenciais², uma vez que os entrevistados tendem a concordar com o papel das diferenças educacionais como critério de estratificação, que também justifica grandes diferenças na obtenção de rendimentos (SCALON, 2003).

Do mesmo modo, os resultados qualitativos do grupo focal apontam uma justificativa pela educação e pelo esforço e, assim, para uma maior adesão à ideia de que prevalecem no Brasil as características adquiridas em relação às adscritas para a alocação e ascensão em posições sociais. Isso pode apontar para um alto grau de conformismo em relação às desigualdades. Contudo, verifica-se aqui diferenças de classe que não foram possíveis de serem averiguadas no survey. Jovens de classe média mostram-se mais propensos a enfatizar as características adscritas, tais como redes sociais e origem familiar, enquanto elementos significativos para as chances de melhor inserção social dos agentes.

Um aspecto também destacado por alguns agentes das classes mais privilegiadas é o tamanho da desigualdade. Eles acreditam na justiça das diferenças salariais, mas a questão primordial é a magnitude dessa distância. Por serem as disparidades de renda excessivamente grandes, elas se tornam injustas.

Eu acho totalmente injusto a questão salarial ter uma defasagem tão grande, porque você coloca uma importância maior num certo tipo de trabalho do que no outro (classe média 22-24).

Eu acho injusto, claro. Como eles falaram, o problema é o salário do gari que é baixo demais. Agora, essa questão do salário tem a ver também com o mercado, com lei de mercado, e com o próprio status que é vinculado à profissão (classe média 22-24).

Eu acho que deveria ser melhor distribuída a renda, diminuindo um pouco do juiz, aumentando um pouco do gari. Ficaria tudo certo. São dois cargos importantes. São duas funções importantes, óbvio, toda profissão é importante. Agora, porra, essa diferença entre salário eu também acho muito complicado, mas eu discordo. Acho que uma distribuição feita justamente... (classe média 19-21).

Seria interessante, entretanto, destacar que algumas justificativas se basearam na ideia liberal de que a desigualdade de renda é inerente ao sistema

² O item sugerido para concordância na questão era: "Ninguém estudaria tantos anos para ser advogado ou médico se não pensasse que viria a ganhar muito mais dinheiro do que trabalhadores comuns". Os respondentes poderiam optar por: "concordo totalmente", "concordo em parte", "nem concordo nem discordo", "discordo em parte", "discordo totalmente".

capitalista, uma vez que ela é necessária para a competição no mercado. Essa mesma perspectiva reaparece num momento posterior da dinâmica, quando se discutia a possibilidade e a responsabilidade de quem deveria atuar no sentido de diminuir essas assimetrias, tal como discutiremos mais à frente.

Então, de repente, é um dinheiro que é válido, é uma disparidade que tem que existir, até para a economia fluir.

Existir no sentido para as pessoas correrem atrás e também crescer na vida (classe média 19-21).

Eu acho que é justo. Porque o frentista do posto, ele vai querer melhor, ele vai querer chegar à gerente do posto, por isso ele vai chegar no trabalho, como o médico vai sempre querer ter uma clínica, para ganhar mais dinheiro e viver bem para sempre (classe popular 22-24).

Eu acho que é justo, porque também traz força de vontade para a pessoa, diz, eu ganho tão pouco, e às vezes ganha tão bem, então eu vou estudar para poder igualar aquela pessoa, dá uma motivação para a pessoa batalhar para poder crescer (classe popular. 22-24).

(...) Se a gente está querendo viver no capitalismo é fundamental que ocorra esse tipo de disparate assim (classe média 19-21).

Essas afirmações corroboram a visão do capitalismo como injusto, desigual, mas necessário. No limite, essas opiniões justificariam a disparidade social no Brasil. Aqui também encontramos um ponto de contato com os resultados obtidos no survey sobre desigualdades. Ainda na análise comparativa, os dados quantitativos revelaram que “são os países latino-americanos – Brasil e Chile – que apresentam maior tendência a concordar com a justificativa de que grandes diferenças salariais são necessárias para a prosperidade do país. Esse tipo de legitimação das desigualdades de renda faz lembrar a lógica que imperou no Brasil durante a década de 1970, e ainda sobrevive nos discursos, de que era necessário fazer primeiro o bolo crescer para depois dividi-lo. Parece que essa crença permanece ainda nos dias atuais (SCALON, 2003:8).

Cotas: Para quem?

As cotas foram criticadas pela maioria dos jovens, independentemente da

classe a que pertenciam. Houve alguma adesão à política de cotas para negros por parte de apenas dois jovens negros do grupo de 19 a 21 anos de classe popular e de dois jovens do grupo de 19 a 21 anos de classe média. Quando expressam conformidade em relação a algum tipo de discriminação positiva, os entrevistados demonstraram ser mais favoráveis às cotas quando definidas pela renda. Em alguns grupos foi indicada a aceitação de cotas também para portadores de necessidades especiais. As cotas baseadas na cor ou raça são vistas como discriminatórias.

Essa coisa de cota eu acho que isso está sendo um preconceito. Eu acho um preconceito porque os negros, índios, não-sei-o-quê, todo mundo é igual. Esse rótulo já tem um preconceito ali (classe popular 19-21).

Pode ser um negro que cresceu junto comigo, estudou junto comigo, passamos pelo mesmo colégio, subimos e fizemos o curso. Ele vai ter a cota dele e eu vou ter que bater junto com todo mundo. Tem que tirar vaga aí de muita gente branca (classe popular 19-21).

Eu acho que essa questão de cota, é como se fosse uma aprovação automática, e também acaba isolando essa minoria cada vez mais. Porque uma pessoa entra na faculdade, entrar é mole, agora sair, fazer uma prova, entrar numa empresa, conseguir um estágio, ninguém se forma sem estágio, tem estágio que você precisa fazer prova para entrar, então às vezes a pessoa está lá dentro, mas não adiantou nada, está se iludindo, enquanto o sistema continua prejudicando ele (classe popular, 22-24).

Eu sou contra as cotas porque acho que é uma forma de segregação. Por exemplo, a cota pra universidade é igual ao apartheid que tinha na África do Sul. Como se tivesse separando os negros dos brancos, como se dissesse que os negros são menos capazes de fazer certa coisa. Quando a pessoa quer mesmo, por exemplo, ir para uma faculdade federal ela vai se esforçar, mesmo não tendo estudado em colégio particular bom assim, ela vai, sei lá, trabalhar e pagar um cursinho pré-vestibular para poder ir. Isso depende da pessoa, a pessoa tem que se esforçar (classe média, 19-21).

Eu sou contra a cota, totalmente, de qualquer coisa, branco, de carência, quanto de raça, eu acho que o que tem que ser feito é um ensino de qualidade, foi o que eles dois falaram. (classe popular 22-24)

Sou a favor da cota relacionada a renda da pessoa. Em relação a cor da pele eu acho que não tem nada a ver, se não teria que ter cota pra loiro, pra ruivo, pra tudo. Cor da pele já autodescrimina a pessoa. Eu não gostaria, por exemplo, se fosse negro, de entrar por causa de cota. Entrar pelo meu esforço, da minha capacidade. Isso não tá relacionado à cor da pele (classe média 22-24).

Eu sou contra as cotas, mas contra a cota para negros, sou a favor da cota para pobre, pessoas de classe popular, se a pessoa não teve oportunidade, ela nunca vai se formar, isso é uma chance que o governo dá para ela se formar (classe média, 16-18).

Entendi. Tem umas restrições... Assim... Deficiente, realmente, pra mim é uma restrição, eu acho que sim. Porém para mulher, cor, pode ser negro e ser uma situação tranquila. Eu não sou a favor (classe média 19-21).

Eu sou contra essa cota de negro, mas eu sou a favor das cotas no que tange a tratar igualmente os desiguais, como deficiente físico. Ele não tem condição de fazer determinadas coisas, mas tem condições de fazer outras. Só que é muito mais fácil você botar uma pessoa sem nenhuma deficiência. Então nesse caso eu sou a favor (classe média, 19-21).

Tem que ter cota pra pobre (classe popular, 22-24).

Quem pode diminuir as assimetrias sociais?

Nesta análise foram recolhidos trechos de falas que respondem às questões acerca da responsabilização sobre as iniciativas no sentido de diminuição das assimetrias sociais. Quando indagados sobre quem deveria ser responsabilizado no caso de se almejar uma melhor distribuição de renda, percebemos uma tendência no grupo de faixa etária mais jovem (16-18 anos) das classes menos favorecidas para enfatizar a responsabilidade dos próprios agentes, ou seja, eles tendem a efetuar uma autoimputação de responsabilidade ao pensarem nos possíveis responsáveis pela resolução do problema.

Não basta só o governador (ir) lá ou o presidente sei lá, querer dar oportunidade, botar aí escolas e trabalhos aí, e muita gente não querer. Por exemplo, o cara continuar trabalhando na boca de fumo ou no morro lá. O cara vai querer sair de lá pra trabalhar? Ter um trabalho digno? Vai querer estudar? Não vai (classe popular, 16-18).

O que adianta ter mais escolas se o que a gente vive não consertam. A gente não respeita, a gente não respeita os professores, diretor, picha... (classe popular, 16-18).
E por causa dele e de alguns não dá pra fazer? Tem que fazer. Tem um monte de gente querendo. É o tempo de cada um, cada um tem a cabeça diferente. Conforme algumas pessoas são influenciadas pelas outras, as outras têm cabeça formada. Tem que dar tempo ao tempo, tem que ir fazendo pra ver se a cabeça das pessoas vai mudando. Só assim que vai ter oportunidade de mudar isso aí. Senão, vai continuar do jeito que está (classe popular, 16-18).

Cada um fazendo a sua parte diminui. Se eu fizer o meu e ela fizer o dela, você fizer o seu, e ele assim sucessivamente, vai diminuir (classe popular, 16-18).

Esse tipo de perspectiva prossegue no grupo de jovens de baixa inserção da próxima faixa etária (19-21), ainda que neste a imputação de responsabilidade para o governo ou o Estado tenha sido mais enfatizada que no anterior.

O governo, com certeza (classe popular, 19-21 anos).

Primeiramente, antes de tudo, o governo (classe popular, 19-21 anos).

A gente tem também que ajudar. Não pode ter esse pensamento de só deixar na mão do governo (classe popular, 19-21 anos).

Não é só ele (classe popular, 19-21 anos).

Tem a nossa parte (classe popular, 19-21 anos).

(...) O que gera a violência? O que gera os assaltantes? É o tráfico. Tem sempre uma boquinha lá com um “aviãozinho”... É uma coisa assim, o que gera a violência é o tráfico. O que gera sei lá enchente, poluição, é uma coisa puxando a outra. Abaixo da violência é você não ajudar nas drogas. Na poluição, não jogue o lixo no chão. Sei lá, seja mais solidário (classe popular, 19-21 anos).

Conforme avançamos na faixa etária, percebemos que a situação de autoimputação para a resolução da questão da desigualdade tende a ser reavaliada. Ela ressurge ainda, porém o “nós” agora aparece personificado na palavra “sociedade”, ou seja, prossegue o voluntarismo, embora alguns membros desse grupo explicitem

sua sensação de impotência para resolver o problema. Dessa forma, ao contrário do voluntarismo que se percebia no grupo de faixa etária mais jovem dos segmentos populares, nos jovens mais maduros das classes desfavorecidas emerge uma sensação de incapacidade deles próprios para a resolução desse tipo de problema.

Eu acho que todas as classes, como dizem, classe média, classe popular, eu acho que se todo mundo se reunisse, quem tivesse mais tentasse dividir com quem tivesse muito menos, eu acho que daria certo, é lógico que é uma coisa meio fantasiosa, mas eu acho que é a única solução, do jeito que o Brasil está indo, fica cada vez mais difícil de um pobre conseguir uma colocação (classe popular 22-24).

É difícil falar. Porque a gente, coitado, a gente não manda em nada, só trabalha, trabalha... Acho que só os que estão lá em cima mesmo para resolver esse problema (classe popular 22-24).

Os políticos, os governantes, porque a gente, acho que não pode resolver, na minha opinião acho que não (classe popular 22-24).

Hoje em dia quem tem mais favorece quem tem mais, você não vê uma propaganda política de um vereador que não tem dinheiro, um vereador do povo, você só vê os políticos apoiados por presidente, por quem tem dinheiro, então, a gente colocar um de nós lá dentro é muito difícil (classe popular 22-24).

Mas também a sociedade é culpada, porque coloca eles (classe popular 22-24).

(Pergunta do moderador: Quem é a sociedade?) Nós, todos nós. Porque podemos fazer a diferença sim, como eles falam, um rapaz ou uma moça de 16 anos votar é uma diferença, pode até ser para colocar mais um corrupto no lugar do outro, eu acho que, se a população se unisse, por exemplo, como vai vir as eleições domingo, todos votassem em branco... (classe popular 22-24).

Pergunta: Nesse sentido, quem tem que resolver isso? Nós, a sociedade (classe popular 22-24).

Para mim, os políticos (classe popular 22-24).

Já os jovens que integraram os grupos focais de classes mais favorecidas apresentaram uma visão diferenciada em relação a essa questão. Além das

respostas se apresentarem de forma mais articulada, surge a figura do empresário como um dos principais artífices dessa possível melhoria. Alguns atribuem essa responsabilidade às pessoas mais bem posicionadas e que apresentam, portanto, mais capitais (econômico, cultural, simbólico etc.).

Acho que isso depende tanto do povo quanto dos políticos. A gente tem que se manifestar e os políticos que estão lá para nos representar têm que dar voz à nossa manifestação (classe média, 16-18 anos).

Concordo com o que todo mundo disse sobre o fator político, mas acho que tem outro lado que também é muito responsável e que poderia dar fim a isso: são os empresários. (...) Eu concordo com ela, se as pessoas começarem a dar mais oportunidade às pessoas que não têm acesso a essas oportunidades, pode ser um meio de quebrar essa barreira, porque as pessoas pobres têm muito poucas oportunidades de estudar, de fazer curso e se especializar em alguma coisa (classe média, 16-18 anos).

Acho que qualquer pessoa que tenha mais conhecimento, mais estudo podia ajudar, e as que não têm se empenhar para poder saber mais sobre isso (classe média, 16-18 anos).

É, governo. (...) Com ajuda de empresários e de ONGs. Mas é o governo (classe média, 16-18 anos).

Com ajuda privada assim, acho que o governo é responsável por isso. Diminuir um pouco essa pobreza que a gente tem aqui, através de vários recursos, educação, projetos, mas é a parte do governo. Monetariamente falando, precisaria de uma ajuda de capital privado e tal, mas a responsabilidade ficaria com o governo (classe média, 16-18 anos).

Mas assim... eu acho que a mídia, no caso, [tem] extrema importância, porque acho que a mídia é formadora de opinião. O político, ele não é formador de opinião. Ele é um mero executor do que a população quer. Porque o político, ou pelo menos o atual, ele não dá educação pra ganhar voto. Ele dá festa pra ganhar voto. (...) Seria[m] os empresários (de mídia) (classe média, 16-18 anos).

Um tipo de resposta se diferencia bastante daquelas dadas por jovens de classes menos favorecidas: a ideia de que a desigualdade não é um problema, pois é constitutiva do próprio sistema capitalista, tal como já havia aparecido num momento anterior quando se discutia sobre a desigualdade de disparidade de renda no país:

Acho que é a participação dos empresários pra diminuir... [para ter] oportunidade para mais pessoas. [Mas] acho que desigualdade sempre vai haver em todas as sociedades, mas pobreza... (classe média, 22-24).

Acho que com os empresários ajudando, ajuda muito, mas acho que não seja uma solução efetiva porque desde o início sempre foi assim, estudei isso em sociologia mesmo, que a sociedade sempre tem um explorando o outro inferior. É muito capitalismo mesmo, já tem uma classe que está em cima e explorando sempre os pobres. (classe média, 16-18).

Acho que primeiro, para responder logo a sua pergunta, acho que ninguém. Porque a pobreza e a desigualdade não é vista como um problema. É vista como problema pra gente aqui. Mas pro sistema não. Não tem problema (classe média, 19-21).

A gente vive de capitalismo, e pobreza e desigualdade tem que ter no capitalismo, sem isso não tem capitalismo. Então resolver acho que ninguém resolve, mas se alguém poderã melhorar... acho que seriam os indivíduos, todos (classe média, 22-24).

[Indivíduos] relacionados aos pobres, porque o indivíduo da classe média ele não vai se esforçar para mudar nada, porque ele tá feliz da vida (classe média, 22-24).

O indivíduo da classe média só vai se mexer se mexerem no bolso deles (classe média, 22-24).

Tem indivíduo da classe média que faz de tudo, por exemplo, os impostos, tem gente da classe média que faz de tudo para não pagar imposto. Bota empresas no nome de outras pessoas pra... pra tentar burlar as leis, e quem paga mais é o povo mais pobre. Não tem da onde tirar, tira do povo. Aumenta as coisas (classe média, 22-24).

A situação dos jovens no futuro

Nesta parte do estudo, estão assinalados trechos de falas que incidem sobre a perspectiva individual futura de ascensão e mobilidade social. Quando interpelados a vislumbrarem sua situação no futuro, os jovens pobres apontam para a situação de precariedade dos pais e acreditam que estarão numa situação muito melhor a médio e longo prazo, dado o fato de que têm mais condições de estudo e que estão dispostos a se esforçarem para melhorar sua posição social.

Eu vou batalhar pelo o que eu quero. Eu vou batalhar com certeza pra ser o que eu quero. (...) Não é prejudgando o meu pai, porque eles não tiveram... eu quero pra mostrar pros meus irmãos que eu consegui antes deles... pra ter aquele exemplo: “A minha irmã conseguiu eu também posso conseguir”. Posso ajudar o meu pai e minha mãe no que eles precisarem. E ter uma família pra poder ensinar pros meus filhos que dinheiro não é tudo (classe popular, 16-18 anos).

Eu vou estudar bastante. Ninguém que ser igual ao pai... Quero ser melhor, estudar bastante... (classe popular, 16-18 anos).

Eu também acho que vou estar numa condição melhor do que eles. Porque tenho mais oportunidades. A minha mãe parou na 8ª série. Ela tem que estudar pra continuar no emprego. E eu já vou ter tudo, tem mais cursos (classe popular, 16-18 anos).

Com certeza vai ser melhor. Porque o meu pai era o maior sofrimento. O meu pai ficava às vezes 15 dias fora de casa. Ele trabalhava num barco de pesca. A minha mãe é manicure. Agora o meu pai está aposentado por invalidez... (classe popular, 16-18 anos).

Eu pretendo ser melhor porque a minha mãe só fez até a 8ª série (classe popular, 16-18 anos).

(...) Eu não conheci o meu pai. Conheci, mas era pequena e não lembro. Eu quero ajudar a minha mãe. A minha mãe precisa muito da gente. Ela toma conta da minha avó, então, ela não pode trabalhar. Eu quero ter um futuro melhor do que o da minha mãe (classe popular, 16-18 anos).

Da mesma forma. A minha mãe não teve condições de estudar, tanto que ela não sabe ler nem escrever. A única que está cursando nível superior sou eu. Eu tenho mais que por obrigação estar melhor do que ela, até pra ajudá-la também. É mais do que obrigação, por mim é a realização profissional e por ela pra ajudar na família em si (classe popular, 19-21 anos). Eu acho que vou estar melhor. Porque eu acho que pode mudar muita coisa do que era antigamente para agora, mudou muito, a tecnologia está avançada, muita coisa avançou demais, então eu acho que pode melhorar sim (classe popular, 22-24 anos).

Vou procurar ser melhor, porque tudo que meu pai não pode me dar, eu vou querer dar para o meu filho o melhor, para

isso eu tento, eu estudo, e o conhecimento que eu... (classe popular, 22-24 anos).

Eu com certeza vou estar melhor, porque, no caso dos meus pais, no tempo deles, não deu para terminar o segundo grau, no caso teve filhos, a situação era mais precária do que agora, e com certeza eu estou estudando para isso, não é questão que eu estou parado hoje, eu tenho meu futuro em mente, e com certeza eu vou dar um futuro muito melhor para meu filho (classe popular, 22-24 anos).

Eu vou estar melhor, porque eu estou lutando e vou continuar lutando, porque assim... minha mãe teve eu jovem e os sonhos dela ela não pode [puderam se] realizar, e também [ela] não tinha condições na época, então eu quero fazer isso, eu quero poder realizar meus sonhos, ter um futuro bom, até mesmo para ajudar ela e meu irmão e os próximos, amigos, parentes (classe popular, 22-24 anos).

Eu também acho que eu tenho condições de chegar na frente da minha mãe, em relação de estudo, condições que ela está me dando que ela não teve, informação, cultura, educação, antigamente as crianças geralmente trabalhavam, hoje em dia você vê várias pessoas, adolescente, jovens, eu tenho 22 anos e não trabalho, mesmo assim minha mãe me dá uma situação boa... (classe popular, 22-24 anos).

Entre os jovens de segmentos mais favorecidos também há uma parcela de integrantes que apontam a possibilidade de melhora, porém, ao contrário do que se viu nos grupos focais de jovens de classes menos favorecidas, aqui ouvimos respostas que trazem a possibilidade de se manter no mesmo nível dos pais ou, então, algo que em nenhum momento sequer foi aventado nos grupos menos favorecidos: a melhora pode estar relacionada não a um incremento de renda, mas à possibilidade de se ter mais satisfação profissional e pessoal do que seus pais.

(...) acho que, contanto que eu esteja feliz, que eu esteja satisfeito comigo mesmo, acho que vai ser bem legal para mim. Embora ele [meu pai] seja empresário, eu acho que tenho minha vida, então ele é o que é, e eu não sou o que meu pai é. Eu acho que vou estar numa posição melhor que ele porque vou fazer uma coisa que quero, não vou fazer que nem meu pai, por obrigação (classe média, 16-18 anos).

Eu também estou tendo mais oportunidades que meus pais,

pretendo estar melhor do que eles hoje, mas se eu estiver igual a eles estarei muito feliz (classe média, 16-18 anos).

Financeiramente eu acho que não, mas vou fazer uma coisa que gosto. Não vou ser pobre, mas não vou ser igual a eles. Estou fazendo Educação Física, é o que eu gosto, mas meus pais são juiz e engenheiro, dão mais dinheiro, mas não dão tanta satisfação (classe média, 16-18 anos).

Eu acho que vou estar melhor, porque eu não vou estar no Rio de Janeiro, vou estar num lugar que o custo de vida vai ser muito menor. E acho que minha qualidade de vida vai ser muito melhor. Acho que vou estar melhor por causa disso, mas acho que vou estar ganhando menos (classe média, 19-21 anos).

Eu almejo estar melhor. Mas se já tiver igual estou muito feliz (Classe média, 19-21 anos).

Acho que pior não deve ficar não. Pode ser igual ou um pouco melhor. Pelas oportunidades que surgem de vez em quando. Mas pior eu acho que não fica não (classe média, 22-24).

Igual, um pouquinho melhor. (classe média, 22-24).

Eu vou ser professor, né?(risos) (classe média, 22-24).

Com relação aos meus pais, no máximo igual (classe média, 22-24).

Acho que igual ou melhor, se tiver mais sorte. Mas acho que igual (classe média, 22-24).

Eu acho que igual, embora eu... quero muito que seja melhor, mas acho que... se pensar friamente vai ficar igual mesmo (classe média, 22-24).

A situação do país no futuro

Aqui foram recolhidas as impressões de alguns jovens sobre o que eles vislumbram para o país a médio e longo prazos. Desvinculando a sua perspectiva de um futuro melhor daquela vislumbrada para o país, os jovens do segmento menos favorecido tendem a esperar uma piora na situação geral nacional.

Eu acho que piora. Nessa questão da política também o que está acontecendo na Bolívia com o gás. Daqui a pouco isso vai acontecer aqui também. A água também vai faltar. Eu não sei

se é daqui a 10 ou 20 anos. Pode estar também a mesma coisa, eu posso estar enganado. Pode ficar a mesma coisa. Agora pode piorar em questão disso (classe popular, 16-18 anos).

A gente vai melhorar. Mas o país não melhora (classe popular, 16-18 anos).

Tanta gente melhora e o país continua a mesma coisa... (classe popular, 16-18 anos).

O Brasil está em decadência.

Pra você o Brasil vai piorar? [pergunta do moderador] [E] como! Porque não adianta que não vai entrar uma pessoa honesta. Ela pode ser honesta e querer mudar uma parcela do Brasil... um pouco. Mas quando começar o dinheiro a rolar e ver que aquilo ali é só uma chance pra ele, vai querer avacalhar as coisas (classe popular, 19-21 anos).

Pra você é quase certo que vai piorar? Eu tenho quase certeza (classe popular, 19-21 anos).

Eu acho que sim, a tendência não tem muito a melhorar não (classe popular, 22-24 anos).

A tendência é só piorar. Com os políticos que estão aí, eles só pensam neles, neles... Aí não dá (classe popular, 22-24 anos).

Vai piorar. Cada dia que passa está... A gente lê jornal, a gente vê televisão, tá cada vez pior (classe popular, 22-24 anos).

Antigamente só tinha bandido, hoje tem polícia bandido (classe popular, 22-24 anos).

A gente não sabe quem é quem (classe popular, 22-24 anos).

Não queria que piorasse, mas... (classe popular, 22-24 anos).

Nesse segmento de jovens, não são poucos aqueles que pensam numa melhora apenas quando houver uma mudança de regime político no sentido do endurecimento, pois apenas um governo de “pulso firme” poderia alterar essa perspectiva de piora dada por eles como certa para o país.

O que você está dizendo é que o Brasil vai continuar na mesma. E só poderia ter mudança se tivesse uma mudança radical... um governo ditadura, assim... tipo os militares...? Tinham que mudar pro

bem, fazer o que é certo. Porque eles estão ali pra fazer. E eles não fazem (classe popular, 16-18).

E se você tivesse que dar uma sugestão... Ele falou num governo mais forte com medidas radicais, foi o que o Alessandro falou. O Robson disse que não vai mudar nada... o governo não tem capacidade de mudar. E você? Eu concordo com ele (classe popular, 16-18 anos).

Você concorda com o Alessandro? Tem que ter um pulso mais firme... (classe popular, 16-18 anos).

Então tem que mudar, como disse o Alessandro. Tem que vir um governo... Com certeza. Mais sério, ter voz ativa e não ir pela cabeça dos outros. E a maioria deles se candidata indo pela cabeça dos outros (classe popular, 16-18 anos).

E pra mudar também o que você pensa? Ter pulso firme, pensar nos outros. E não só neles (classe popular, 16-18 anos).

Essas mesmas visões apresentam-se no grupo de jovens médios de baixa inserção.

Tende a piorar (classe popular, 19-21 anos).

Eu acho que é piorar. Não é o que a gente espera... Vamos ver o que o nosso presidente vai poder fazer... Melhor do que a gente está agora vai ser muito difícil (classe popular, 19-21 anos).

Há aqui uma visão centrada numa perspectiva individualista. Destacável é a separação entre o que pensam sobre a sua situação individual (para eles diminuir a desigualdade é ter perspectiva de ascensão individual) e a situação coletiva. Ao final dessa bateria de perguntas o comentário geral no grupo dos mais jovens das classes baixas foi o de que o Brasil era um país marcado pelo egoísmo das pessoas.

Eu acho o brasileiro muito egoísta. Só pensam neles (classe popular, 16-18 anos).

Só pensam em si mesmos. Não pensa no próximo (classe popular, 16-18 anos).

Mas pensa bem, a gente não pensa no próximo e o próximo não pensa na gente mesmo.

É egoísmo (classe popular, 16-18 anos).

É o egoísmo, mas o Brasil acima de tudo. Mas é aquilo, um por todos e todos por um. Porque se não for todo mundo numa coisa só, não acontece (classe popular, 16-18 anos).

Diferentemente dos grupos menos favorecidos os jovens de classe média tem uma perspectiva muito mais otimista em relação ao Brasil e vinculam esta melhora à própria atuação deles, coisa bastante distinta do que ocorreu no outro segmento. Houve também quem assinalou a atuação deles próprios para que o país possa ter uma situação melhor no futuro.

Nós somos o futuro do país, se não fizermos nada vai ficar do jeito que está ou até piorar.

Acho que melhor pelos recursos que estão surgindo, descoberta de petróleo e de outros meios naturais. (...) Acho que possivelmente lá para frente, se for coordenada pelas pessoas certas vai ter uma melhora (classe média, 16-18 anos). Eu acho que economicamente vai melhorar, como a Jéssica falou, depende da nossa geração, eu me preocupo com isso, se depender de algumas pessoas que conheço da nossa idade, estamos ferrados, mas em nível geral não vai melhorar, mas talvez para os juízes e doutores vai melhorar, acho que o país vai ficar mais rico (classe média, 16-18 anos).

Acho que vai melhorar. Vai sim (classe média, 19-21 anos).

Melhora, melhora (classe média, 19-21 anos).

Vai, vai [melhorar]. (classe média, 19-21 anos).

Vai melhorar (classe média, 19-21 anos).

Foi o que ela falou, acho que economicamente eu tenho esperança que vai melhorar. Socialmente de repente acompanha. Acho que a gente tem esperança, ainda tem esperança (classe média, 19-21 anos).

Eu não sei se vai ficar pior, mas eu acho que tá melhorando. Se pegar os números, por exemplo, em relação a desemprego acho que diminuiu. Hoje o pobre já pode andar de avião, antigamente não podia (classe média, 22-24 anos).

Isso é verdade (classe média, 22-24 anos).

Eu acho que pode melhorar um pouquinho, não mais do que isso. Não vejo como melhorar muito não (classe média, 22-24 anos).

Eu acho que igual, pode melhorar um pouco, talvez. (classe média, 22-24 anos).

Mas o Brasil não vai virar Suécia. Pode melhorar um pouquinho... (classe média, 22-24 anos).

Conclusões preliminares

Na visão dos jovens de classe popular, as classes sociais são definidas basicamente pela renda e pela espacialidade, isto é, pelo bairro ou região onde as pessoas vivem. Mesmo concordando com esses elementos como definidores de classe social, os jovens da classe média tendem a demonstrar uma perspectiva mais complexa, incluindo outros fatores como definidores de posição social, tais como o prestígio das ocupações, o status e o estilo de vida. A ideia de que os agentes de segmentos menos favorecidos prendem-se a uma lógica baseada na funcionalidade e na materialidade se confirma também nesse caso (BOURDIEU, 1979; 1976).

Essa diferença fica ainda mais evidente quando analisamos as respostas sobre quais fatores são determinantes das posições no sistema de estratificação social. Os jovens de classe popular apontam para o esforço e a educação como principais fatores, ou seja, apostam nas características adquiridas e, portanto, num sistema de estratificação mais meritocrático. Já os jovens de classe média mencionaram um conjunto maior de características, adscritas e adquiridas, como responsáveis pela inserção dos indivíduos em uma posição social mais favorável. Entre as características adscritas eles assinalaram as redes sociais e a origem dos indivíduos. Desse modo, demonstram uma visão mais crítica da realidade social, uma vez que a maior parte dos jovens das classes baixas não enfatizaram tais características como relevantes.

Nesse caso, os dados do survey sobre desigualdades apontaram na mesma direção (SCALON, 2009). Embora povo e classe média indiquem forte crença na educação como via de inserção e ascensão social, os agentes de classes menos favorecidas mostram-se mais confiantes nas características adquiridas, como esforço e educação, do que a classe média, mais cética em relação a esse cenário. “O povo se mostrou mais confiante nas recompensas obtidas através

de qualidades pessoais, talvez uma estratégia de manter a crença na superação de sua condição social” (SCALON, 2009:60). Não basta apenas pensar que, se o esforço e a educação são as únicas vias de acesso a melhores posições para os agentes menos favorecidos, então seriam justificadas essas características com muito mais naturalidade nesse grupo do que nos grupos mais favorecidos. Destacável é a opinião expressa dessa forma e que ajuda a conformar um estado de resignação e conformismo em relação à situação de desigualdade e grandes assimetrias sociais no país.

Outro tema que corrobora conclusões baseadas em estudos anteriores diz respeito à justiça das disparidades de salários entre ocupações. Os jovens veem como justas as grandes disparidades de salários entre ocupações, e o que permite a legitimação dessas desigualdades profundas é a crença na educação como principal critério de estratificação. Uma vez que as diferenças entre salários se devem a fatores tidos como meritocráticos, o nível educacional e o esforço para obtê-lo, elas passam a ser interpretadas como justas.

Apesar dessa perspectiva ser também aceita por uma parcela significativa dos agentes de classe média, esses jovens da classe média tendem a ter uma visão mais crítica, em especial com relação ao tamanho da desigualdade.

O grande debate na área de desigualdades e, mais especificamente, no que diz respeito às formas de combate às desigualdades está focado na diferença entre igualdade de oportunidades e igualdade de recompensas. Influenciados pelo trabalho de Rawls, muitos estudiosos na área de estratificação e desigualdades passaram a considerar a igualdade de oportunidades como elemento-chave para uma sociedade justa, em oposição à perspectiva de que todos deveriam receber as mesmas recompensas, ainda que tivessem posições ocupacionais diferentes.

Nossa noção intuitiva é que essa estrutura contém várias posições sociais e que homens nascidos em condições diferentes têm expectativas de vida diferentes, determinadas, em parte, pelo sistema político bem como pelas circunstâncias econômicas e sociais. Assim, as instituições da sociedade favorecem certos pontos de partida mais que outros. Essas são desigualdades especialmente profundas. Não apenas são difusas, mas afetam desde o início as possibilidades de vida dos seres humanos; contudo, não podem ser justificadas mediante um apelo às noções de mérito ou valor. É a essas desigualdades, supostamente inevitáveis na estrutura básica de qualquer sociedade, que os princípios de justiça social devem ser aplicados em primeiro lugar (RAWLS, 2002:8).

Essa visão aparece, ainda que naturalmente, de modo muito mais simplificado em algumas falas dos jovens participantes das dinâmicas:

(...) o pobre quer subir na vida e não dá porque as pessoas não dão chance, as pessoas têm preconceito (...). Aí nunca depende só dele (classe média 16-19).

Tem que ter oportunidade também (classe média 16-19).

Eu acho injusto porque às vezes o gari não teve tanta oportunidade de ter esse ensino todo e ser um juiz, às vezes ele não tem culpa, de vez em quando tem porque não quer nada na vida, mas, assim, tem pessoa que é gari porque não teve oportunidade e fez o que pode, procurou o que podia (classe média 16-19).

Eu acho que também é falta de oportunidade, todo mundo precisa de uma oportunidade na vida para estar seguindo aquilo que ele quer, eu concordo com eles também (classe popular 22-24).

Questão de classe social tem gente que tem menos oportunidade, a gente pode estudar em colégio pago que o ensino é bem melhor. Ninguém quer estudar em colégio público. Se você tem oportunidade de estudar num bom colégio, colégio pago, você vai preferir ter uma educação melhor, fazer cursinhos e tal e ter alguma vantagem. Aquela pessoa que tem mais dificuldade pra você trabalhar, não precisa... não tem tanta oportunidade quanto você (classe média 19-21).

De um modo geral, jovens de classe popular e jovens de classe média reconhecem como problema a desigualdade de oportunidades, no entanto, rejeitam as alternativas de igualdade de recompensa para indivíduos em posições ocupacionais distintas. Nesse caso, as disparidades entre salários seriam injustas porque expressam desigualdades de oportunidades, no entanto, reconhecem que, uma vez em posições distintas, os indivíduos devem receber recompensas distintas. As disparidades de renda seriam injustas quando avaliadas segundo as chances de oportunidade desiguais, porém são consideradas justas quando observadas como desigualdades de recompensa. Uma das falas exprime uma intuição bastante próxima daquela defendida pelo filósofo da justiça social.

Eu continuo tendo a mesma opinião: é justo e injusto. Justo, porque a pessoa estudou, batalhou... lógico, evidentemente ela tem que conseguir um emprego, tem que ter um

salário bom. Mas ao mesmo tempo eu acho que deveria ter condições [oportunidades] melhores para as classes mais baixas, salários melhores, condições de você ter uma coisa melhor (classe popular 22-24).

Eu concordo que seja justo, mas as oportunidades são injustas. Creio que sim... quem lute, quem tem um esforço a vida inteira, se esforce bastante, estude, estude, estude... claro! Merece ter um salário muito melhor! (classe popular 22-24).

Em suma: desigualdades de oportunidades são injustas, mas as desigualdades de recompensa podem ser justas. É possível concluir que para muitos a igualdade desejada corresponde à igualdade de oportunidades, mantendo-se a inevitável desigualdade de recompensa.

É importante ressaltar que alguns agentes adotam a perspectiva de que as desigualdades são funcionais para o capitalismo, uma vez que incrementam a competição por posições sociais mais privilegiadas. Essa é uma visão comum aos utilitaristas e foi apoiada pela teoria do crescimento econômico. Também os dados do survey já mencionado revelaram opiniões semelhantes às que aqui foram recolhidas nas dinâmicas dos grupos focais. De certo modo, essas opiniões vão ao encontro da ideia de que o esforço e o investimento educacional são os motores da ascensão social, abastecidos pelas disparidades de recompensas oferecidas pelo mercado capitalista.

A questão sobre cotas apareceu espontaneamente no primeiro grupo focal realizado, desde então foi introduzida no roteiro da pesquisa. O que fica claro pelas falas dos jovens é que as cotas raciais são compreendidas como discriminatórias e excludentes, até mesmo intensificando os preconceitos. Por outro lado, as cotas sociais, ou seja, para pessoas pobres, são mais bem aceitas; assim como as cotas para pessoas com necessidades especiais. Essas opiniões demonstram que as políticas de cotas estão longe de serem consensuais e livres de debate.

Quando questionados sobre a responsabilização em relação a quais agentes poderiam atuar no sentido de diminuir as assimetrias sociais no Brasil, as respostas obtidas desafiam nossa imaginação sociológica no sentido de explicá-las. Antes de tudo, compreender as razões que motivaram, por exemplo, os jovens de segmentos menos favorecidos a apresentarem os próprios indivíduos como os prováveis responsáveis para uma melhora no quadro da colossal desigualdade social brasileira. Ainda que tenha havido falas em que essa responsabilidade tenha sido imputada ao governo e aos políticos, seria interessante verificar em que se fundamenta essa autoimputação para a resolução do problema. Pode-se

pensar que, excluídos das teias e redes de interdependência mais importantes, esses agentes oscilem entre duas alternativas: a salvação milenarista imputada a um redentor todo-poderoso que viria salvá-los, e que nesse caso se personifica na figura do Estado ou de seus agentes mais evidentes como os políticos, ou então a hipótese de que todos estão entregues à sua própria sorte e assim tudo dependeria apenas deles. O Leviatã hobbesiano que anda *pari passu* com a sentença popular do “Deus nos salve” por um lado ou então, por outro, o famoso dito que consagra a renhida competição capitalista do “cada um por si e Deus por todos”. Nesse sentido as justificativas para a desigualdade social imputada às características não adscritas destacadas na primeira parte deste trabalho podem ser lembradas como reforço dessa perspectiva.

Já em relação às perspectivas pessoais e nacionais de médio e longo prazos, foi unânime entre os jovens de segmentos menos favorecidos a opinião de que estarão melhor num futuro de médio a longo prazo em relação aos seus pais. Quando sabemos que esses jovens têm um volume de capital total bastante precário, qualquer incremento é visto obviamente como uma situação de melhora. Normalmente, esses jovens apontam para a possibilidade de ascensão via estudos e investimentos no setor escolar.

Ao considerarmos o fato de que o capital cultural é uma das alternativas para se obter posições melhores dentro da estrutura social, entende-se que para esses agentes a aposta nos diplomas e nas qualificações escolares tende a ser a principal via de acesso a postos que possam dar a eles uma melhor inserção. Não dispondo de outras vias e percebendo o leque de possibilidades de qualificações escolares disponíveis, esses agentes não poderiam ter senão essa perspectiva unânime de mobilidade e ascensão.

Já nos segmentos mais favorecidos, apesar de um otimismo reinante, é possível encontrar um conjunto de falas no qual se vislumbra apenas a manutenção da posição social dos pais, ou até um possível decréscimo de capital (econômico, principalmente) compensado pela possibilidade de se atuar numa profissão na qual a realização pessoal esteja melhor assegurada. Uma vez atendidas as necessidades materiais fundamentais esses agentes podem “se dar ao luxo” de viver com menos (ainda que nesse cálculo provavelmente este menos ainda assegure uma vida confortável) se tiverem garantidas suas aspirações subjetivas de realização profissional.

Vale registrar que se de um lado a homeostase do sistema de desigualdade se mantém porque os que estão na base da pirâmide têm sempre possibilidades de melhorar sua situação propiciadas fundamentalmente pela formação escolar (profissionalizante ou não), por outro, nas posições privilegiadas, encontram-se

agentes que vislumbram manter-se, no mínimo, nessas mesmas posições ou em outras em que, se o ganho material não se mantiver em relação aos pais, serão compensados pela maior satisfação pessoal profissional: um ganho imaterial. É esse desequilíbrio e essas aspirações diferenciadas que asseguram a manutenção de um regime de assimetria no qual os que estão embaixo esperam subir e os que estão melhor situados esperam se manter em suas atuais posições. Crenças distintas, resultantes de posicionamentos diferenciados, mas que se complementam e asseguram a reprodução e manutenção de hierarquias vigentes.

Em relação à perspectiva dos grupos sobre a situação provável do país num futuro a médio e longo prazo podemos verificar uma total discrepância entre os jovens de classe média e os jovens das classes menos favorecidas. Enquanto no primeiro grupo há uma visão otimista de que o país tem grandes possibilidades de melhorar a sua situação, entre os jovens das classes populares é quase unânime a ideia de que o Brasil vai piorar e ficar numa situação mais calamitosa do que aquela que eles já vivenciam. Vale lembrar que a pesquisa foi feita em 2008, ano em que o Brasil apresentava índices de crescimento econômico. Se o primeiro grupo apenas repete a visão que vem sendo veiculada por uma série de análises econômicas nas diversas mídias, atestada por índices que apontam uma efetiva melhora, no segundo, ouvimos um tipo de narrativa que só pode ser verificado num difuso senso comum pessimista que tende a justificar nossa situação enquanto nação destinada ao fracasso.

Nesse aspecto específico podemos verificar a maior adesão que os agentes jovens das classes populares concedem às narrativas de senso comum. Não apenas neste, mas também em diversos outros aspectos podemos constatar entre esses jovens uma adesão mais irrefletida às prescrições genéricas. Para entender isso, caberia aqui pensar num processo diferenciado de subjetivação no qual agentes mais bem posicionados tendem a desenvolver uma individualidade crítica mais evidenciada do que aquela encontrada nos agentes das classes populares. Podemos lançar mão de hipóteses que buscam explicar os diferentes processos de subjetivação nas diferentes classes sociais. Segundo essas hipóteses, há uma lógica do social (ou uma sociológica) que distingue os processos de subjetivação no sentido de que aqueles agentes destinados às posições de poder são estimulados a desenvolverem um senso crítico típico de agentes individuados e, portanto, potencialmente mais afastados das prescrições genéricas típicas do senso comum (OLIVEIRA, 2004:219-239), ocorrendo exatamente o oposto quando pensamos a subjetivação dos jovens de segmentos menos favorecidos, tal como as evidências empíricas deste trabalho nos permitem confirmar.

Como este texto está sendo revisto para publicação justamente no momento em que milhares de brasileiros saem às ruas para protestar contra as políticas públicas – ou ausência destas – nas áreas de transporte, educação, saúde e segurança, bem como, contra a corrupção, é importante refletir sobre o papel da juventude após cinco anos da realização dos grupos focais. Sabemos que os protestos, que ocorrem em inúmeras cidades do país, foram inicialmente mobilizados por jovens universitários. Portanto, uma primeira análise poderia supor que eles, também, pertencem às classes mais privilegiadas, tendo em vista o viés do ensino superior no Brasil. Essa situação corrobora com nossas observações de que a classe média tende a ser mais crítica e articulada em suas demandas. Por outro lado, não podemos atribuir tamanha movimentação nas ruas, apenas à adesão de estudantes pertencentes a essa classe. Considerando, inclusive, recentes pesquisas de opinião que apontam a queda de popularidade da presidente; seria possível supor que a opinião expressa pelos jovens das camadas populares de que o Brasil tende a piorar pode estar ainda prevalecendo.

Embora o Brasil, durante e após o ano de 2008, tenha experimentado momentos de crescimento do PIB – em 2008 (5,10%) e em 2010 (7,5%) –, é importante registrar a retração vivida em 2009 (-0,60) e a contínua queda em 2011 e 2012. É fato que a renda média brasileira registrou melhoras nos últimos anos, mais fortemente impulsionada pelo aumento dos empregos formais e pela queda geral do desemprego. Contudo, recentemente, assistimos à combinação de índices econômicos desfavoráveis, tais como queda do PIB, aumento da inflação e do dólar e desequilíbrio da balança comercial e fiscal. Todos esses fatores atingem o preço dos produtos e incidem sobre o consumo, gerando uma percepção de piora relativa, sempre vinculada ao período imediatamente anterior.

De qualquer modo, os indicadores econômicos desfavoráveis não podem ser vistos como principal estopim dessas manifestações populares. Fica claro, pelas demandas vocalizadas nas ruas do Brasil, que a população deseja políticas públicas universais de qualidade, mais especificamente em educação, saúde e segurança. E essas demandas vêm tanto da classe média, como das classes populares que participam dos protestos. As políticas de transferência condicional de renda parecem ser insuficientes para promover uma sociedade mais igualitária. O que se assiste nas ruas hoje são demandas por políticas e direitos que são a base de uma sociedade justa. A essas demandas gerais, soma-se a insatisfação de minorias que assistiram, recentemente, a retrocessos em relação a direitos conquistados, como os indígenas, as mulheres e os LGBT.

A tese de que vivíamos em uma sociedade com crescente classe média e igualdade é derrubada pelos gritos nas ruas, que vão, crescentemente, incorporando

grupos desprivilegiados. A renda, sozinha, não muda uma estrutura de classes e, muito menos, constrói pontes que cubram o enorme abismo que existe entre a elite e a classe popular. Um abismo que se expressa em sistemas de ensino, serviços de saúde e acesso a direitos extremamente excludente. A falência de um modelo de geração de renda, para que as pessoas possam consumir serviços no setor privado, é patente. Os pedidos por políticas públicas e por respeito a direitos fundamentais, que são a marca de uma sociedade igualitária, mostraram, claramente, o caminho que a sociedade brasileira quer seguir.

Assim, os resultados desta pesquisa que apontam uma visão pessimista do futuro, pelos jovens de classe popular, e as críticas às desigualdades, pelos jovens de classe média, podem ser mais atuais do que, em princípio, nós, autores, supúnhamos. Para compreender melhor esses fenômenos, é necessário voltar a campo e realizar uma nova pesquisa empírica com jovens, abordando estas e outras questões que compõem nossa agenda de estudos sobre desigualdades e justiça social.

Referências

- BÉNABOU, Roland & OK, Efe A.
(2001) "Social mobility and the demand for redistribution: the POUM Hypothesis". *The Quarterly Journal of Economics*, 116 (2), p. 447-487.
- BOURDIEU, Pierre
(1979) *La distinction*. Paris: Seuil.
- (1976) "Gostos de classe e estilos de vida". In: ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu* (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, p. 83-121.
- CÓRNEO, Giacomo & GRÜNER, Hans Peter
(2000) "Individual preferences for political redistribution". Forthcoming in *Journal of Public Economics*, 83(1), p. 83-107.
- HIRSCHMAN, Albert
(1973) "The changing tolerance for income inequality in the course of Economic development (with a Mathematical Appendix by Michael Rothschild)". *Quarterly Journal of Economics*, vol.87, nº 4, p. 545-562.
- OLIVEIRA, Pedro P.
(2004) *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- RAWLS, John
(2003) *Uma teoria da justiça*. São Paulo, Martins Fontes.
- SCALON, Celi
(2009) *Ensaio de estratificação*. Belo Horizonte: Ed. Argumentum.
- (2003) *Imagens da desigualdade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- SUHRCKE, Marc
(2002) "Preferences for inequality: East vs. West". *Innocenti working paper* nº 89, out. Florence: UNICEF Innocenti Research Centre, p. 01-45.

Recebido em

junho de 2013

Aprovado em

julho de 2013